

O ESTADO DE S. PAULO

Publicação da S.A. O ESTADO DE S. PAULO
Av. Eng. Caetano Álvares, 55 - CEP 02598-900 • São Paulo - SP • Caixa Postal 2439
CEP 01060-970-SP Tel. 3856-2122 (PABX) Fax Nº (011) 3856-2940Classificados por telefone: 3855-2001
Vendas de assinaturas:
Capital: 3950-9000
Demais localidades: 0800-014-77-20
Central de atendimento ao leitor:
3856-5400 - falecom.estado@grupoestado.com.brCentral de atendimento ao assinante
Capital: 3959-8500
Demais localidades: 0800-014-77-20
www.assinante.estado.com.br
Central de atendimento ao jornalista:
0800-011-00-94 - www.jornaleironline.com.br
Central de atendimentos às agências de publicidade:
3856-2531 - cia@estado.com.brPreços venda avulsa: SP, RJ, MG, PR e SC: R\$ 2,50
(segunda a sábado) e R\$ 4,00 (domingo). DF: R\$ 2,50
(segunda a sábado) e R\$ 4,00 (domingo). ES, RS, GO
e MT: R\$ 3,20 (segunda a sábado) e R\$ 5,80 (domingo).
MS: R\$ 3,20 (segunda a sábado) e R\$ 4,20 (domingo).
BA, SE, PE, TO e AL: R\$ 4,00 (segunda a sábado) e
R\$ 6,00 (domingo). AM, RR, CE, MA, PI, RN, PA, PB, AC
e RO: R\$ 4,50 (segunda a sábado) e R\$ 7,20 (domingo)

Pré-sal e desenvolvimento sustentável

José Goldemberg



Há 35 anos os países da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) cortaram radicalmente a sua produção e lançaram o mundo ocidental - inclusive o Brasil - na pior crise de energia do século 20. Não havia, na época, uma compreensão clara das consequências ambientais do aumento do consumo de combustíveis fósseis e das emissões resultantes, que são responsáveis pelo aquecimento da atmosfera. Consumir mais era um sinônimo de progresso econômico e riqueza.

O Brasil, na ocasião, importava quase todo o petróleo que consumia e gastava, antes da crise, cerca de US\$ 500 milhões por ano. Após a crise, a "conta petróleo" subiu para mais de US\$ 4 bilhões, cerca da metade de todas as exportações do País. Demorou mais de 20 anos e um trabalho intenso da Petrobrás para descobrir e explorar petróleo na plataforma continental e nos levar à autossuficiência. Ainda assim, as reservas avaliadas até agora não devem durar

Vender miragens pode ser boa tática eleitoral, mas pode custar muito caro

mais de 15 anos.

Com a redução da produção dos países da Opep, os países industrializados fizeram grandes esforços para reduzir o consumo e desenvolver fontes adicionais de petróleo e energia. A produção de petróleo a partir do xisto betuminoso no Canadá é um exemplo desses esforços, apesar de este ser um processo caro e complicado. A produção de etanol de cana-de-açúcar no Brasil é outro exemplo.

Se o pré-sal tivesse sido descoberto em 1975, com suas enormes reservas estimadas, a história da energia no mundo talvez tivesse sido diferente. O País seria visto como uma salvação do mundo ocidental, que viria todo investir aqui e nos ajudaria a colocar petróleo do pré-sal nas refinarias.

Quando a crise criada pela Opep passou e o petróleo passou de novo a ser abundante e relativamente barato, a febre do consumismo voltou com força total, os projetos de xisto no Canadá e muitos outros foram abandonados. Talvez a única exceção tenha sido o apoio constante que o governo brasileiro continuou a dar à produção de álcool da cana-de-açúcar, o que é, de fato, extraordinário e louvável.

Hoje a situação é diferente, por duas razões:

Em primeiro lugar, porque sabemos muito bem que é preciso reduzir as emissões de ga-

ses que resultam da queima do petróleo. Estão em curso negociações internacionais - que vão culminar com a conferência internacional em Copenhague, em dezembro - que poderão estabelecer limites severos ao uso de combustíveis fósseis. Eles foram os responsáveis pelo progresso da humanidade no passado, mas o futuro hoje não é visto como mais petróleo, mais gás e mais carvão, e sim energias renováveis.

Em segundo lugar, porque as reservas internacionais de petróleo e gás estão em processo de esgotamento e sua vida remanescente estimada não é maior do que 40 ou 50 anos.

Por essas razões, uma euforia exagerada em relação à descoberta de mais petróleo tem de ser evitada, a fim de não levar o País a abandonar recursos e tecnologias que sejam sustentáveis a longo prazo e que não se vão exaurir como o petróleo ou gás.

Vários países do Oriente Médio, os maiores produtores mundiais de petróleo - e que possuem as maiores reservas provadas -, já se deram conta disso e estão diversificando suas fontes de receita, como é o caso de Abu Dabi, Dubai e outros, que são não apenas locais para turismo, mas também grandes centros comerciais e de desenvolvimento tecnológico. Dependência do petróleo simplesmente não é o caminho de um desenvolvimento sustentável.

Há outros aspectos em que a situação atual é muito diferente da de três décadas atrás. Não existe falta de petróleo e os grandes produtores do Oriente Médio têm capacidade ociosa, já que com a crise mundial o consumo caiu. Essa é uma das razões por que o preço do barril se estabilizou em torno de US\$ 60, muito abaixo dos US\$ 140 do ano passado, antes da crise. Outra razão é a especulação pura e simples. O que pode ocorrer é, simplesmente, não haver compradores para petróleo do pré-sal no futuro.

O que fazer, portanto, com o pré-sal, riqueza encontrada pela Petrobrás no fundo do oceano, a centenas de quilômetros da costa e a mais de 7 mil metros de profundidade?

Sob um certo ponto de vista, essa riqueza ainda não é real: é como se fosse um diamante bruto que precisa ser lapidado. Ou talvez, mal comparando, como o minério de urânio - do qual o Brasil tem reservas razoáveis -, que só ganha valor se for "enriquecido", um processo caro e complicado. Altas autoridades do País frequentemente confundem as duas.

Investir agora enormes recursos do governo na exploração do pré-sal - que certamente vão fazer falta em outras áreas, como educação e saúde

-, contando com grandes ganhos no futuro, é pelo menos temerário. Não é possível prever qual será a taxa de sucesso na abertura dos poços para a retirada do petróleo, já que não existe experiência prévia nessa área. Tampouco se pode prever se não surgirão problemas ambientais novos, o que pode atrasar a exploração. Sob esse prisma, uma grande batalha para dividir os royalties que o pré-sal vai gerar é, no mínimo, prematura.

O que parece razoável é investir cautelosamente na exploração e dividir o risco e os custos com outras empresas de petróleo, sobretudo nas pesquisas científica e tecnológica indispensáveis para aumentar as "chances" de sucesso dos empreendimentos. Se fracassos ocorrerem, os custos serão divididos. Se houver sucesso, serão divididos os lucros, mas não há como ganhar sempre.

Vender ilusões e miragens pode ser uma boa tática eleitoral, mas neste caso elas poderão custar muito. Enquanto isso, investir mais nas tecnologias do futuro (energia solar, dos ventos, biomassa e carros elétricos) parece um caminho mais seguro. ●

José Goldemberg é professor da Universidade de São Paulo

Radiografia de um presidente

Carlos Alberto Di Franco



Acabo de regressar da Europa. Lá, como cá, o prestígio de Lula está nas alturas. Poucos líderes mundiais se podem orgulhar de uma presença midiática tão expressiva. O itinerário do metalúrgico que chegou à Presidência é, para os europeus, um passaporte para a celebridade. Poucos são capazes de reconhecer que o sucesso de Lula, para além de seus méritos pessoais, é o resultado dos sólidos fundamentos econômicos plantados por seu antecessor. Para a Velha Europa, cansada das antigas lideranças, Lula é o cara. E ponto final.

Mas quem é, de fato, Luiz Inácio Lula da Silva? Como explicar a magia do mais popular presidente da História? "Nunca antes na história deste país", repete Lula com a habilidade intuitiva de um competente marqueteiro. Tem razão. Para o bem ou para o mal, Lula é um fenômeno.

Não durmo nos aviões. Minha insônia aérea só é suportada com o lenitivo de um bom livro. E foi o que fiz. *Diário Lula - Um Presidente Exposto por suas Próprias Palavras*, lançamento da Editora Nova Fronteira, é um livro revelador.

Um Lula surpreendente, para adeptos e opositores, é o que emerge do novo livro do

jornalista Ali Kamel. Utilizando de forma inédita um método de análise de conteúdo, Kamel pesquisou todos os discursos do presidente improvisados no todo ou em parte, todas as suas entrevistas e todos os programas *Café com o Presidente* nos períodos de janeiro de 2003 a maio de 2008 e de setembro de 2008 a março de 2009. O volume é impressionante, mais de 3 milhões de palavras em 1.554 textos, material suficiente para publicação de artigos diários, de domingo a domingo, por 13 anos e meio. Com a ajuda de dois softwares, um criado especialmente para o livro, Kamel pôde analisar que palavras Lula mais utiliza, de que forma e em que quantidade, com precisão matemática.

"Lula é coerente ao longo do tempo? Lula tem, sobre um mesmo tema, ideias opostas dependendo do público para quem está discursando? Ele se sente confortável diante do capitalismo ou se mostra como um socialista de carteirinha? Em que se apoiam as suas opiniões, avaliações, conceitos, conclusões, afirmativas, certezas? Ou ainda: há alguma base de onde tudo isso parte? Quais são as suas formas de construir um discurso e de comunicar esse mesmo discurso?"

"O Lula que emerge destas páginas é um comunicador sem igual; um homem que vê o mundo a partir de sua experiência concreta de vida, de uma maneira que salta aos olhos; coerente, mas com incoerências importantes; um cidadão que preza os valores tradicionais da família e de Deus; um filho legítimo do capitalismo que almeja para os outros a mobilidade social que conseguiu para si (quando se tornou torneiro mecânico); um conciliador, cujo objetivo, ao menos no nível da retórica, é alcançar a harmonia entre os polos extremos da sociedade, tendo, para isso, como principal instrumento, políticas assistencialistas."

Kamel conclui: "Muito longe do estereótipo do líder da esquerda operária tradicional - geralmente ateu, arauto de um novo homem, advogado da reestruturação da família em novos moldes, proponente de um regime político-econômico em que haja supremacia dos trabalhadores em relação aos patrões -, Lula acaba exposto, por suas próprias palavras, como um brasileiro médio mais ou menos crente em Deus, defensor do modelo tradicional de família e que se vê como o proponente de uma sociedade capitalista onde haja mais harmonia entre pobres e ricos."

Lula é, sem dúvida, um animal político e um grande comunicador. Sua história de vida, carregada de carências e sofrimento, enrijeceu sua personalidade e o transformou num ho-

mem decidido a vencer a qualquer preço. Mas é precisamente na ténpera da sua obstinação que reside a sua maior fragilidade ética. O projeto de poder de Lula não admite barreiras éticas. Em nome da governabilidade e da perpetuação no poder, Lula se aliou ao que de pior existe na vida pública brasileira. A relativização dos valores e a condescendência com os companheiros e aliados envolvidos em graves irregularidades viraram rotina na fala presidencial.

"Errar é humano", disse Lula, referindo-se aos casos mais emblemáticos de corrupção. O presidente da República, subestimando a gravidade do mensalão, acariciou a cabeça de petistas pilhados em situações, no mínimo, constrangedoras.

Os pequenos erros mencionados pelo presidente derrubaram, em 2006, o ex-ministro José Dirceu, destituíram dezenas de diretores de estatais e mandaram para o espaço a cúpula do partido de Lula. De lá para cá, outros escândalos se multiplicaram como cogumelos. O

É na ténpera da obstinação de Lula que está sua maior fragilidade ética

governo Lula, seguindo os cânones da práxis (a manipulação da verdade se justifica na luta pelo poder), instaurou a cultura do cinismo na vida pública deste país. A simples leitura da imprensa oferece um quadro assustador da estratégia. Esbofeteia-se a verdade numa escala sem precedentes. As responsabilidades submergem num caldo pastoso e amorfó. Assiste-se ao lusco-fusco da cidadania.

O presidente Lula tem méritos indiscutíveis. Iniciou o resgate da dívida social, foi prudente na condução da economia e deu ao Brasil, pela força de seu carisma e pelos bons ventos que sopraram nos seus mandatos, grande prestígio internacional e notável popularidade interna. Além disso, ao contrário de seus colegas, não entrou no desvio do terceiro mandato. Na reta final de seu governo, tão carregado de força simbólica, o presidente bem poderia encarar a recuperação da ética. Impossível? Talvez. Mas no crepúsculo do governo, feitas as contas, começa a pensar o legado para a História. ●

Carlos Alberto Di Franco, doutor em Comunicação pela Universidade de Navarra, professor de Ética, é diretor do Master em Jornalismo (www.masteremjornalismo.org.br) e da Di Franco - Consultoria em Estratégia de Mídia (www.consultoradifranco.com) E-mail: difranco@iics.org.br

SINAIS PARTICULARES

LEO MARTINS



Heráclito Fortes, primeiro-secretário do Senado

FÓRUM DOS LEITORES

ENDERECO
Avenida Eng. Caetano Álvares, 55, 6.º andar, CEP 02598-900FAX:
(11) 3856 2920E-MAIL:
forum@grupoestado.com.br

Criador e criatura

Com a nomeação de José Antônio Dias Toffoli para ministro do STF, onde está escrito na Constituição federal "notório saber jurídico", leia-se "notório saber político". Saudade de um STF em que o saber jurídico prevalecia.

Só para lembrar, cito aqui alguns nomes que um dia engrandeceram aquela Corte: Alfredo Buzaid, Aliomar Baleeiro, Thompson Flores, Evandro Lins e Silva, Paulo Brossard, Hermes Lima e outros tantos mais. Há cerca de um ano, fui assistir a um simpósio em Marília, em comemoração dos 20 anos da Constituição. Um dos palestrantes foi exatamente o dr. Toffoli. Tal como seu criador, a criatura utilizou-se durante toda a sua palestra de metáforas futebolísticas. Basta dizer

que a maioria dos palestrantes foi aplaudida de pé. Não foi o que aconteceu com ele. Aliás, saí de sua palestra sem saber ao certo se a Constituição federal é um gol de letra, de pênalti, enfim...

MARIA LUCIA FERNANDES
mldamfer@hotmail.com
Garça

Battisti, mensalão...

Se aceito como ministro do STF, Toffoli deve ficar fora do caso Battisti. E do mensalão do seu grande amigo Zé Dirceu, também? No final, essa será a barganha? Fora do caso Battisti, mas presente e atuante para defender o indefensável Zé das maracutias na compra de parlamentares? Se for aceito, com certeza ficaremos de olho. Porque ministro do STF

não deveria pertencer a um bando de ideologia ultrapassada. Ideologia e lei não combinam! BEATRIZ CAMPOS
beatriz.campos@uol.com.br
São Paulo

● É uma discussão estéril se José Antônio Dias Toffoli vai votar ou não no caso Battisti, em curso no STF. Ele não poderá fazê-lo, deve declarar-se impedido, pois atuou, sim, em fase da ação. Uma advogada da União, sua subordinada e em seu nome, exarou sua posição defendendo o ato do ministro da Justiça. Caso ele fosse favorável à extradição, teria designado outro advogado da União para fazer a sustentação oral e redigir as demais manifestações sobre o caso no STF. Logicamente, em assumindo Toffoli uma va-

ga no STF, ele deverá declarar-se impedido de participar de qualquer julgamento de interesse da AGU, iniciado ou em curso no STF durante a sua gestão, incluindo o caso Battisti. LUIZ AUGUSTO MÓDULO DE PAULA
luaump@yahoo.com.br
São Paulo

Nomeações

José Múcio no TCU e Toffoli no STF, assim caminham as nossas instituições, na base da amizade, do compadrio, do companheirismo. Afinal, em 2010 temos eleições e ainda muita coisa pode respingar dos mensalões e outros buracos negros da República. CARLOS HENRIQUE ABRÃO
abraoc@uol.com.br
São Paulo

Espanto

Quase cai da cadeira, de tanto rir, ao ler a carta da ex-prefeita Marta (17/9) refutando os ataques do secretário tucano Aloysio Nunes Ferreira à sua gestão, ao afirmar que os túneis funcionam bem, o corredor Rebouças (que corre acima da futura linha do Metrô) é um avanço e houve a melhora do trânsito da região. Ou ela se mudou dos Jardins ou só está visitando as bases "cunpadeiras" de helicóptero!

DIRCEU BERTIN
dibertin@gmail.com
São Paulo

● Dona Marta, não tente enganar os leitores do *Estado*, são pessoas cultas e politizadas. Os pau-

listanos já lhe deram a merecida resposta, quando tentou voltar a administrar a cidade, por duas vezes, impondo-lhe vergonhosas derrotas. O PT em São Paulo (cidade e Estado) não tem vez. FERNANDO ALMEIDA INTASCHI
leneart@itelefonica.com.br
Ubatuba

● O *Estado* é realmente democrático, pois conceder tanto espaço para a ex-prefeita tentar e não conseguir explicar nada é um exagero. Se ela fosse tudo o que diz, teria sido reeleita, mas o eleitorado não entrou nessa fria novamente. Graças a Deus. ADEMAR MONTEIRO DE MORAES
ammoraes57@hotmail.com
São Paulo